

## Na semente da voz, a germinação do sentido. As narrativas orais na reconstrução da memória radiofônica

Autora: Edivânia Duarte Rodrigues  
Orientador: Prof. Adriano Lopes Gomes  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

### Resumo

Esta pesquisa procura reconstituir a história da Rádio Poti, delimitando o surgimento, episódios, atores sociais e grade de programação da emissora, contextualizada nos programas de auditório, de humor, radionovelas e radiojornalismo. Para tanto, foram gravadas entrevistas abertas com oito informantes, caracterizados como ouvintes ou profissionais da Poti. Os relatos foram o fator determinante na realização da pesquisa.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa consiste na reconstituição da memória radiofônica da Rádio Poti, fazendo uso das narrativas orais dos informantes, categorizados como ouvintes ou profissionais do rádio. A utilização de fontes orais como forma de reconstituir a memória da rádio se fez necessária devido à ausência de registros sonoros conservados no período delimitado pela pesquisa (1941 a 1955) que possibilitassem o estudo analítico da programação, influência e participação social desempenhadas pela Rádio Poti, que inicialmente recebeu a denominação de Rádio Educadora de Natal. A História Oral, utilizada como método, tornou os relatos orais o fator determinante da pesquisa. A relevância da Rádio Educadora de Natal, posteriormente Rádio Poti, no cenário da comunicação no estado do Rio Grande do Norte, se dá principalmente devido ao seu pioneirismo, e a diversificação na sua grade de programação. A emissora proporcionou a interação da sociedade potiguar com o Brasil, fornecendo entretenimento e informação através de programas de auditório, musicais, radionovelas e informativos.

Para tanto, buscou-se conhecer e analisar a grade de programação produzida naquela época, atentando para a variedade de estilos e formatos dos programas, bem como, a participação popular e importância que a rádio adquiriu para a sociedade potiguar. Para obter as informações sonoras, foram realizadas entrevistas abertas ou livres junto aos ouvintes e profissionais do rádio à época circunscrita pela investigação. Os informantes da pesquisa unem suas memórias individuais à coletiva e reconstituem o momento histórico da radiodifusão natalense. A análise qualitativa dos dados concentra-se na fase de surgimento da emissora, composição do quadro de profissionais, bem como as áreas de atuação da Poti, destacando-se: jornalismo, radionovelas, programas de auditório e musicais. Atenta-se para o funcionamento da Rádio Poti por meio de sua programação, focalizando a importância social e musical que a emissora deteve, ou seja, na década de 1940, tendo em vista que a Rádio Poti era o principal meio de comunicação de massa do estado, e, portanto, a maior responsável em manter a sociedade informada, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial.

### DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho é parte do “Projeto de Pesquisa Mídia e Memória: um estudo dos documentos sonoros das emissoras de rádio da cidade do Natal (1941 e 1955)” e vinculado à Base de Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia. O trabalho, aqui exposto, faz a reconstrução da memória radiofônica da primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte, a Rádio Poti, inicialmente com o nome de Rádio Educadora de Natal, adotando como referência temporal de 1941 a 1955.

### METODOLOGIA

O panorama histórico da Rádio Poti é fruto do método da História Oral que “consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais feitas de pessoa a pessoa em fitas ou vídeo” (MEIHY, 1996:13).

A pesquisa ocorreu a partir da gravação de entrevistas abertas, realizadas com oito informantes. As fontes orais são personagens sociais que atuaram no período entre 1941 a 1955, assumindo o papel de ouvintes ou profissionais da Rádio Poti.

Optou-se por preservar a identidade dos informantes sem, contudo, comprometer os objetivos da pesquisa, os quais ficaram assim designados:

Quadro 1 - Informantes da Pesquisa

INFORMANTE	IDADE	PROFISSÃO	CATEGORIA	TEMPO DAS ENTREVISTAS	DATA DE GRAVAÇÃO
1	53 anos	Pesquisador	Ouvinte	30min.	20 de junho/2004
2	81 anos	Adrogado	Diretor Artístico	1hora e 5min.	01 de julho/2004
3	78 anos	Cantora	Cantora	1hora e 10min.	13 de outubro/2004
4	75 anos	Cantor	Cantor	26 minutos	26 de dezembro/2004
5	64 anos	Locutor	Locutor	40 minutos	19 de maio/2004
6	57 anos	Comunicador	Ouvinte	30 minutos	22 de Agosto/2004
7	79 anos	Músico	Locutor	55 minutos	15 de janeiro/2005
8	60 anos	Pesquisador	Ouvinte	49min.	07 de abril/2005
				6horas e 10min.	

Convém dizer que a História Oral, como método, tornou os depoimentos (entrevistas) o fator central das análises porque, segundo (MEIHY, 1996:44): “para serem garantidas como método, as entrevistas precisam ser ressaltadas como nervo da pesquisa. O resultado deve ser efetivado com base nelas”. A História Oral exerce a função de recompor os aspectos histórico-comunicacionais da Rádio Poti, tornando os relatos fator determinante para a reconstrução do passado.

A partir de uma circunstância social, a fundação da Rádio Poti, as narrativas orais foram filtradas. Isso quer dizer que a emissora Poti foi motivo organizador das entrevistas, responsável pela ordenação dos questionamentos e fator de orientação para as fontes orais no processo de composição do quadro de lembranças.

A reconstrução da memória radiofônica é feita por meio da análise temática dos relatos. As narrativas são categorizadas por temas, a saber: fundação da Rádio Poti, estrutura física, quadro de profissionais, programas de auditório, radionovelas e radiojornalismo. Esses consistem nos temas-eixo em torno dos quais os relatos se organizam, conforme assinala Bardin (1997):

O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas (BARDIN, 1977:105).

#### 1. MEMÓRIA: RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

As lembranças reconstituem os processos identitários de uma sociedade, originando a memória coletiva ou se agrupam em torno de uma pessoa definida, caracterizando a memória individual. Sendo evocada por um único indivíduo ou pelos membros de uma comunidade, a lembrança pode ser entendida como:

uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990:71).

Através das lembranças é possível emergir situações vividas, através das quais busca-se manter contato com o passado estando envolto em idéias e imagens de hoje. O ponto de vista do narrador lançado sobre os acontecimentos antigos transformam-no.

A memória coletiva compreende todas as reminiscências em comum que pertencem aos membros de um determinado grupo social:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos (HALBWACHS, 1990:45).

É, portanto, no processo de interação social que acontece a formação da memória coletiva, cujo conteúdo é capaz de representar o conjunto de membros que a construiu. Mas, o fato de estar incluso em uma coletividade, não cessa o aparecimento

da individualidade dos componentes:

(...) a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo (HALBWACHS, 1990:51). Paralelamente à constituição da memória coletiva, constroem-se as memórias individuais que correspondem ao acúmulo de lembranças exclusivas pertencentes a cada indivíduo. A convivência em sociedade não exime o ser humano de vivenciar momentos e experiências próprias que o permita elaborar lembranças individuais. E, ainda, mesmo inserido no meio social compartilhando lembranças comuns, há uma variação de intensidade com que essas lembranças aparecem para cada membro do grupo. De acordo com Halbwachs (1990:54), as duas memórias se interdependem

constantemente, a individual apóia-se na coletiva para precisar alguns dados, ao considerar “um homem para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente de fazer apelo às lembranças dos outros”. Enquanto que a memória coletiva para ser composta depende da participação dos integrantes do grupo, conforme destaca o autor: “envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (HALBWACHS, 1990:53).

Portanto, a pesquisa “Na semente da voz, a germinação dos sentidos: as narrativas orais na reconstrução da memória radiofônica”, desencadeia a memória coletiva sobre a radiodifusão potiguar, através das histórias de vida. As fontes orais, categorizadas como profissionais da comunicação e ouvintes da Rádio Poti, inseridas no mesmo contexto espaço-temporal, vivificam o veículo rádio por meio dos relatos e permitem o processo de reconstituição da memória radiofônica.

O termo memória radiofônico é aqui entendido por fatos, noções e acontecimentos do passado referente ao rádio, capaz de caracterizá-lo como veículo de comunicação de massa. Para reconstruir a memória radiofônica da Rádio Poti AM entre 1941 e 1955 recorre-se às lembranças coletivas dos informantes, agrupadas em uma mesma categoria, ou seja, concernentes à emissora Poti. Vale ressaltar, que mesmo se tratando da memória coletiva dos informantes, as lembranças não são idênticas, em essência são comuns, apesar da individualização:

(...) o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com fique o que signifique (BOSI, 1994:31).

Por mais que os relatos correspondam aos mesmos fatos e acontecimentos sobre a Rádio Poti, foram abordados de maneira distinta pelos vários informantes. Mesmo se tratando de lembranças comuns ao grupo de pessoas que vivenciaram, no mesmo período, cada informante guardou em espírito as experiências que julgou mais significativas. As particularidades e a generalização dos relatos correspondem ao quadro de lembranças que vão desde a fundação ao desenvolvimento da Rádio Poti.

É, por conseguinte, através da interligação das narrativas pessoais que se forma a memória radiofônica, pois quando os informantes descrevem o passado da radiodifusão potiguar, constroem a história do rádio revela a memória coletiva da sociedade natalense.

## 2. AS NARRATIVAS ORAIS RECONSTRUINDO O PASSADO: RESULTADOS DA PESQUISA

### 2.1. Amplificando sonhos, difundindo idéias: entra no ar a Rádio Educadora de Natal (REN)

A primeira emissora radiofônica do Rio Grande do Norte recebeu a denominação de Rádio Educadora de Natal - REN. O informante 2, diretor artístico da REN, recorda a época de inauguração da emissora e a reação popular diante do acontecimento:

#### Fragmento 1:

Olhe a inauguração da, da REN - Rádio Educadora de Natal, é se deu no dia 29 de novembro de 1941, dizer... nós já conhecíamos é, é, é, nos preparávamos..., foi, foi o dia em que eu toquei na..., pela primeira vez de roupa (trecho inaudível), não é? é na Orquestra de Salão da Rádio Poti. Nesse tempo eu era da Orquestra Salão, tocava violino e conheço mais ou menos ah..., o... os, as medidas, as providências tomadas pra sua inauguração porque eu já ensaiava na Rádio, talvez de março a abril de 1941 (...). A rádio tinha uma Orquestra de Salão, a rádio tinha uma Orquestra de Jazz e tinha um... tinha um... Quinteto de cordas para tocar músicas de câmara e tinha o Regional (...). Olha é o que nós tínhamos até essa época era um serviço de alto falante de Luís Romão, não é? que tinha em determinados pontos da cidade, talvez uns três pontos, tinha alto falante, e... isso durante a guerra, por exemplo foi um sucesso, se ouvia noticiário da, da BBC através dele. Mas, a sociedade teve um comportamento espetacular, a rádio foi uma novidade, quer dizer, primeiro, os donos, os principais proprietários da rádio, os principais sonhadores foram Carlos Lamas e Carlos Farache, eram dois comerciantes da, da melhor linhagem, Carlos Lamas era chileno, era inclusive o Cônsul honorário do Chile, e Carlos Farache, quer dizer eram pessoas da melhor sociedade, da melhor vida social de Natal. E, isso na realidade não era incomum

se ter no auditório da Rádio Poti, e... pessoas das mais credenciadas da cidade. Foi uma novidade boa... (Informante 2).

É perceptível que o esforço para se instalar a primeira rádio do Rio Grande do Norte partiu de membros da sociedade natalense: Carlos Lamas e Carlos Farache. Os dois idealistas representavam o anseio popular em busca de um veículo de comunicação eletrônico capaz de facilitar o processo da comunicação, tendo em vista que na época a população dispunha apenas de um sistema de alto-falantes de Luís Romão, sem grande abrangência, e dos jornais impressos. A instalação de uma rádio no estado do Rio Grande do Norte dinamizaria a comunicação, já que, o rádio é um "meio" técnico que, para possuí-lo e decodificar as mensagens expostas, não é preciso um alto custo econômico e nem grau de escolaridade.

### 2.2. Sintonizando redes, construindo espaços

A Rádio Educadora de Natal passa a ser incorporada à Rede Associada de Assis chateaubriand, em 1944, recebendo a denominação de Rádio Poti e sofrendo modificações quanto a sua estrutura física. A descrição dos compartimentos e das alterações ocorridas na emissora são abordadas pela informante 3, cantora da REN e depois da Rádio Poti:

#### Fragmento 2:

Não, não o prédio continuou, só que eles fizeram uma reforma (...). Era grande, era grande... porque veja bem, a Rádio Educadora era um salão enorme pra orquestra sinfônica, nós tínhamos orquestra sinfônica na REN, sabe? Então era um salão enorme e o auditório era pequenininho, quando a rádio foi vendida aos Diários e Rádios Associados, então inverteram, sabe? Ficou o... estúdio, o auditório enorme com 600 cadeiras e o palco que dava muito bem.. o palco dava pra orquestra, dava pra Regional dava tudo. Mas, o auditório ficou enorme! entendeu? com uma entrada bem linda, com a..., tudo bonitinho, bem alinhado. E ainda tinha o primeiro andar com escritório, essas coisas assim, sabe? E tinha o estúdio desse lado e tinha o controle desse lado aqui, sabe? era um salão grande, o palco, o estúdio, eram dois, a sala de Genar, a sala do diretor que era o Dr. Edílson Varela, a discoteca, a sala de ensaio do Regional e da

orquestra, era bem grande, era um espaço todinho, agora tinha um quintal enorme, sabe? Que agente... as farras da gente, agente fazia lá por trás, mas era bonito era muito alinhado. Ai tinha um banco para as pessoas que... que ia ensaiar, qualquer coisa ficava sentado esperando a vez da gente, mas era muito alinhado bicho, muito alinhado. (Informante 3).

A emissora Poti apresentava uma estrutura física condicionada à variedade de programas transmitidos, ou seja, os programas de auditório, de estúdio, radionovelas, e até mesmo, as orquestras que se apresentavam nos programas de auditório possuíam locais específicos para ensaios e apresentação. Esse fato não garante a qualidade dos conteúdos emitidos pela emissora, no entanto, já se configura como fator facilitador de uma boa produção radiofônica.

### 2.3. Entre sons e frequências: o “cast” da Poti

Para a transmissão dos mais variados estilos de programas, a Rádio Poti possuía uma equipe de profissionais, denominado pelo informante 2 como o “cast” da emissora.

#### Fragmento 3:

Olhe, nós tínhamos, é... desde a REN, vamos dizer, nós tínhamos um quadro, um quadro, um cast a partir de locutor, de radioteatro, de cantor era o melhor possível. Por exemplo, nós tínhamos como locutores, isso pra citar alguns que num é pó..., o número é muito grande, embora eu me lembre de todos. Mas, nós tínhamos a partir de Genar Wanderley, era o locutor mais antigo que nós tínhamos, inclusive a quem nós carinhosamente chamávamos de cacique, era o cacique por..., pelo fato de, de , depois quando mudou pra Poti, então como o nome surgiria um nome indígena agente chamava Genar de cacique. Mas, nós temos Genar Wanderley, José Alcântara Barbosa (...). Nós tínhamos mais dessa época Pedro Machado (...). E tínhamos, vamos ver para falar num mais próximo, nós tínhamos Marcelo Fernandes(...). É, e, e por exemplo no cast de radioteatro nós tínhamos o que havia melhor. Nós tínhamos um radioteatro feito com dona Alba Azevedo (...), nós tínhamos doutor Francisco Ivo Cavalcanti que já era um dos mais antigos advogados

naquela época, não é?. Nós tínhamos no cast, nós tínhamos Marly Rayol, irmã, irmã de Agnaldo Rayol, nós tínhamos Clarice Palma, que era o..., no meu tempo chamavam poetisa, hoje já chama-se, indiferentemente poeta, né? era uma boa poeta. Nós tínhamos um cast formidável. Eu mesmo adaptei pra, pra esse elenco de radioteatro, eu adaptei a peça “Deus lhe pague” de Juracir Camargo (...) (Informante 2).

Foi através desse “cast”, segmentado por atuação: locutor, cantor, radioator, redator, diretor, músicos, sonoplastas, programador musical, entre outros, que a Poti conseguiu atuar em vários setores e conquistar o público natalense por meio dos programas que eram veiculados, sobretudo os de auditório.

### 2.4. Nos palcos da emissora

Os programas de auditório possuíam altos índices de audiência. Dispondo de um cenógrafo para a ornamentação do palco, orquestra própria, cantores e apresentadores devidamente bem vestidos e ávidos para entrar no ar, o auditório abria as portas para, no mínimo, seiscentas pessoas de onde se transmitia para a sociedade potiguar muitos programas de sucesso. Eram programas de variedade, musicais e humorísticos, o informante 6, ouvinte da época, fala sobre esses programas e o sucesso que eles adquiriram junto à população:

#### Fragmento 4:

É, é da minha época os programas de muita audiência, os mais famosos era justamente os de auditório. E na, e na, e naquela época havia pelo menos três programas... é, no sábado à tarde tinha um programa chamado ‘Vesperal de Brotinhos’. Esse programa era, era, era dirigido por... (silêncio), bom, daqui a pouco eu lembro o nome. No domingo, pela manhã, tinha o ‘Domingo Alegre’, que era dirigido por Genar Wanderley. Genar, acho que tem um filho dele aí, alguma coisa dele aí... (trecho inaudível), e no domingo à tarde tinha um outro chamado ‘Passatempo B-5’ que era dirigido por Geraldo Fontinele. Esses eram os programas mais famosos. No sábado tinha, à noite, um programa humorístico muito famoso aqui, e que também era muito, tinha muita audiência que chamava-se ‘Beco sem Saída’, né? um programa humorístico, assim por excelência,

nos moldes desses que aparecem em televisão, quadros, com quadros...(...). A participação era muito, não vou usar o termo total, mais era muito concorrido, era muito, era muito grande porque, em termo de mídia assim, né? não havia ainda... a televisão tava no início. Ninguém tinha televisão, né? na época, pouquíssimas pessoas, porque na época ouvia-se falar de televisão como uma coisa distante assim, era alguma coisa que ia aparecer, que existia e tal, ninguém tinha acesso. Em natal, talvez tivesse algum aparelho, em alguma casa, eu não sabia não. Agora a participação do público era grande, era a espera pelos programas dos fins de semana, era, era muito grande, todo mundo ficava ansioso pra, para ir aos auditórios, né? (Informante 6).

Percebe-se que as pessoas atribuíam muito valor aos programas de auditório, os quais eram caracterizados como forma de lazer e entretenimento. O auditório era um local em que o público, trajando roupas elegantes, se dirigia semanalmente para ver, ouvir, aplaudir e se emocionar com as atrações apresentadas. O sucesso se deu, não apenas nos auditórios, mas também em casa. Os que ouviam a transmissão de suas residências tinham a possibilidade de trabalhar o imaginário, compondo características físicas do apresentador e imaginando o público presente no auditório, ouvindo os aplausos. Portanto, os que estavam em casa também faziam parte do programa porque se deixavam envolver na ludicidade proporcionada pelo veículo, e dessa forma divertiam-se e atribuíam importância aos programas de auditório.

#### 2.5. Dos microfones a revelação dos talentos: a música na rádio poti

No período em estudo, a Rádio Poti teve um papel importante na revelação dos talentos musicais do Rio Grande do Norte, destacando-se como principal meio de divulgação artística através dos seus programas de auditório que incentivaram a criação de inúmeros conjuntos vocais, grupos regionais e cantores do rádio. O informante 4, cantor da Poti, relata a formação dos conjuntos vocais:

#### Fragmento 5:

Tinha um grupo..., a "Hora Estudantil" que era apresentado por Fernando Cascudo,

Fernando Luís que é filho de Câmara cascudo(...). Ele tinha a 'Hora Estudantil' que ele formou muito conjunto, inclusive o Trio Iraktan nasceu daí, desse 'Hora Estudantil', formado por Gilvan Bezerril, João Costa Neto e Edinho. Daí saiu o Trio Iraktan, da 'Hora Estudantil', aí foram pro México, voltaram, aí eles toma..., viveram a vida deles, estouraram entre aspas, né? fizeram sucesso tal..., mas nasceram na 'Hora Estudantil (...)' (Informante 4)

Além do Trio Iraktan, a Poti proporcionou o aparecimento de outros conjuntos vocais como diz o informante 6, na condição de ouvinte do rádio:

#### Fragmento 6:

Possivelmente, eu devo ter visto, né, o "Trio Iraktan". Mas eu lembro do, do "Trio Puracy", eu lembro de ter assistido ao vivo, era muito,... ele cantava muito naquela época... o "Trio Puracy". Teve também uma, a... um grupo de, de..., de meninas que cantavam aqui, uma delas até se destacou e saiu de Natal, que eram as irmãs Ferreira, né? (informante 6).

A primeira Rádio do Rio Grande do Norte passando quando passou a pertencer à Rede Associada de Assis Chateaubriand, no ano de 1944, fazia um intercâmbio de artistas com as emissoras associadas, como por exemplo, a Rádio Tupi. Isso proporcionou uma relativa facilidade de se trazer grandes nomes da música nacional e internacional para Natal. O informante 2, destaca a relevância que a Poti teve no cenário musical do estado.

#### Fragmento 7:

Veja bem naquela época o nosso rádio era tão... significava tanto na vida da cidade que os maiores nomes da radiofonia brasileira nós trouxemos: Orlando Gomes, Vicente Celestino, é, é, por exemplo, Isaurinha Garcia é... Alci...ah,ah, Ângela Maria, não digo umas duas vezes nós tivemos orquestras, aqui, famosas, in... internacionais como, como Agostin Lara. Nós tivemos aqui por..., trouxemos Josefina Backer que era uma cantora de, de primeiro mundo. Nós trouxemos Afonso Ortiz Tirada que era um cantor mexicano, nós tivemos é, é Gregório Barros, quer dizer e... no, e no e nacionais nós trouxemos (indecifrável) em exceção Aracy de Almeida e de Chico Alves, na

primeira época Francisco Alves morreu cedo ainda pro nosso rádio, nós trouxemos o que a radiofonia brasileira tinha de melhor (informante 2).

Pode-se dizer que, além de incentivar o desenvolvimento musical no estado, através da concessão de espaço na grade de programação para a apresentação dos “Conjuntos Vocais Potiguares”, a Rádio Poti, trazendo para o Rio grande do Norte cantores reconhecidos e de sucesso, possibilitou à sociedade natalense conhecer a produção musical que estava em evidência no Brasil e no exterior.

## 2.6. Do roteiro à imaginação: radionovelas

A emissora Poti não se limitou aos programas de auditório e musicais. As radionovelas também eram sucesso garantido na programação da rádio. A população reunia-se diante do aparelho transmissor para ouvir as histórias interpretadas pelos radioatores. O informante 6, ouvinte do rádio na época, fala sobre o horário em que as radionovelas eram veiculadas na emissora:

### Fragmento 8:

As novelas... de rádio era... num tinha a duração que as da televisão hoje: seis meses, mas era muito longas, viu? e eram muito escutadas. Era um programa quase obrigatório, né?nas famílias que escutavam, né?o rádio. É, e elas eram assim: elas não eram diárias.Os dias eram, a novela era, era transmitida na segunda, aí pulava u dia, segunda, quarta e sexta, por exemplo.E outra novela era terça, quinta e sábado. (Informante 6).

O informante 1, ouvinte da época e atualmente professor universitário, aborda o caráter imaginativo que o rádio propiciou com a transmissão das radionovelas:

### Fragmento 9:

(...) Por exemplo, nós escutávamos a novela nos anos 50 mais famosa que era “Jerônimo: o herói do sertão”. Então essa novela, aí entra a questão da linguagem do rádio, da especificidade do rádio, a questão da imagem mental que o rádio propicia pra gente, a nossa diversão era imaginar os tipos que estavam por trás das novelas. Por exemplo, a gente ficava imaginando como

seria Jerônimo o herói do sertão? Jerônimo tinha uma noiva chamada Aninha, nunca deixaram de ser noivos, e o próprio Moisés Weltmam, que foi o autor da série, ele dizia “eu nunca permiti que Jerônimo casasse porque era uma questão moral. Por exemplo, Jerônimo se dizia sempre envolto em aventuras, então ele estava sempre conhecendo mulheres, se eu é... se ele casasse ele estaria sujeito a...era uma coisa da moral da época, o adultério, seria uma coisa inconcebível. Ao passo que, sendo noivo, quer dizer, a coisa ficaria atenuada, seria uma traição corriqueira, então por isso eu nunca permiti que Jerônimo casasse”. Aí ficávamos imaginando como seria Aninha, a noiva de Jerônimo? Jerônimo era acompanhado por um personagem, chamando moleque Saci, que era um trio, o trio que estava sempre em todas as aventuras. Então nós ficamos pensando em como seria Jerônimo?Como seria Aninha?Como seria o moleque Saci? E nos anos 60, apareceu uma revista em quadrinhos “Jerônimo: o herói do sertão”. Foi o mesmo texto, a mesma história, o argumento de Moisés Weltmam, com um traço de Edmundo Rodrigues, então quando todo mundo correu para comprar a revista para ver se aquela imagem mental que a gente fez de Jerônimo e dos personagens, correspondia ao que Edmundo Rodrigues imaginou.(Informante 1)

As radionovelas transmitidas pela Rádio Poti permitiam que os ouvintes realizassem projeção dos seus desejos e sonhos. Os personagens interpretados correspondiam aos atores sociais, com todas as dificuldades e nuances inerentes à vida social na qual o ser humano está inserido. Portanto, a proximidade com o enredo e o papel desempenhado pelos radioatores facilitavam, por parte do público, o processo de se ver através do outro. Entrelaçado na projeção está o trabalho de imaginação. O receptor, de acordo com seu repertório mental, imaginava subjetivamente os personagens, o cenário, o vestuário, decodificando as mensagens sonoras ao passo que as tornava imagens mentais.

## 2.7. Captando informações, difundindo notícias: radiojornalismo

Adotando o conceito de que o rádio é um meio de comunicação de massa possuidor de especificidades como: instantaneidade, simultaneidade, grande abrangência geográfica, utilização de uma

linguagem codificada de forma simples, objetiva e clara, esse veículo torna-se por excelência um transmissor de notícias. Desde o surgimento da emissora REN e depois Poti, atuou como transmissora de notícias. Foi, inclusive, o principal meio de comunicação durante a II Guerra Mundial, tendo em vista que o Rio Grande do Norte, em especial Parnamirim, tornou-se base militar dos americanos contra o EIXO. O informante 2 destaca como era feito o serviço de captação de notícia da rádio e cita alguns programas jornalísticos que eram veiculados.

Fragmento 10:

Então, nós tínhamos, nós tínhamos noticiários, todo ele. Além do noticiário..., por exemplo, a Gazeta Sonora que era um... um noticiário de meio dia era feito com notícias locais, com notícias de... do país e era feito com notícias internacionais. O serviço, nesse tempo de rádio, o captado da Unaty Press ou da Society Press ou da Meridional ou da Nacional, eram captados através de um a... possante aparelho de radiocraft em... serviço morse de telegrafia, né? Então o nosso telegrafista apanhava o serviço, agente completava o telegrama, e isso significa dizer, o serviço de, de ,de, de, de informações, o serviço de noticiosos era no... era no mesmo nível do, do, do, de qualquer estação do país, não vou dizer era um repórter ESSO , né? Mas, era no mesmo nível do, do, de qualquer emissora pelo menos do nordeste. (Informante 2)

O informante 7, locutor da Rádio Poti comenta sobre a forma de captação de notícias durante a Segunda Guerra Mundial e relata um episódio de censura sofrida pela emissora:

Fragmento 11:

Ela captava através de muito esforço através de rádio-telegrafia né, o rádio era o telégrafo, e tinha os, os rapazes que trabalhavam na comunicação e na recepção através do morse e, eles depois faziam um recapitamento das notícias e jogava para o microfone. E houve um episódio interessante porque, tudo era censurado na época da guerra, por conta do alemão né?, e teve um discotecário lá que ele errou um hino, ele desconhecia e, ele botou um hino alemão justamente na hora de tocar uma notícia. Por conta disso ele pagou, foi preso, mas depois

foi liberado e, a rádio passou a ser censurada e todos os discos foram recolhidos. (Informante 7)

A primeira Rádio do Rio Grande do Norte surgiu durante a Segunda Guerra Mundial e foi a responsável em transmitir os acontecimentos da guerra para a sociedade potiguar. Para tanto, eram captadas notícias de outras emissoras de rádio do Brasil.

#### ENTRE SONHOS E CONCRETUDES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstituição da memória radiofônica da Rádio Poti, através da História Oral, possibilitou a revelação de fatos e acontecimentos que a História tradicional não apresenta. Os informantes, autorizados para relatar, devido ao envolvimento com a comunicação no Rio Grande do Norte no período delimitado pela pesquisa, informaram descritivamente sobre a programação da emissora. Ancorando-se em suas memórias individuais e coletivas, os informantes emitiram informações que serviram de subsídios para se traçar o perfil dos programas desenvolvidos pela Poti, detectar o grau de participação popular, conhecer e entender a maneira pela qual a rádio pioneira do estado fez a comunicação.

Desempenhando a função de comunicar, a primeira rádio do Rio Grande do Norte demonstrou comprometimento junto à sociedade potiguar, disponibilizando para esta, entretenimento, música e informação. A diversidade dos programas reflete o cumplicidade que a emissora dispensava para com a diversidade de receptores. A partir dos programas musicais, ocorria o incentivo à produção local, havendo projeção dos cantores e conjuntos vocais em âmbito nacional e internacional. Os programas transmitidos diretamente do auditório davam a oportunidade de se desenvolver uma comunicação bidirecional, efetuando o feedback entre os interlocutores, já que o público presente ao auditório poderia expressar, através de aplausos, vaias, sorrisos e até palavras, o seu posicionamento diante das mensagens produzidas pelo emissor. As radionovelas mesclando realidade e ficção proporcionava aos receptores fugir das preocupações cotidianas e desaguar no mundo imaginário, constituído a partir das elaborações mentais de cada ouvinte. Os programas jornalísticos mantinham a sociedade informada, levando, inclusive para àqueles desprovidos de



conhecimento educacional, a leitura da realidade social vigente naquele período.

A Rádio Poti com toda essa variedade programática veio a instaurar o início da era de ouro do rádio no Rio Grande do Norte. A população potiguar que antes só ouvia falar no sucesso das transmissões radiofônicas das outras localidades do país, com a chegada da REN, depois Rádio Poti, teve sua própria emissora de rádio, veículo que dinamizou a comunicação no estado e concedeu ao público programas substanciais e de qualidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BURKE, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: edições 70, 1977.

LEGOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. 4ª edição, São Paulo: UNICAMP, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: LOYOLA, 1996.

MCLEISH, Robert. Produção em rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. Tradução por Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: VERPICE, 1990.

FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.